

# Editorial

Prezado(a) leitor(a)

Em seguimento ao ano temático *O novo mal-estar na civilização*, temos a alegria de completar e publicar o segundo número de 2021, *Repercussões na Técnica*, que nos últimos meses vem sendo paulatinamente entregue de forma *on-line*.

Este número visa considerar questões técnicas da psicanálise em relação às mudanças na contemporaneidade, especialmente aquelas decorrentes das tensões que esta tem trazido à concepção de indivíduo e seus padrões relacionais – partes integrantes do que chamamos de *O novo mal-estar* –, e que buscamos apresentar e discutir no número anterior.

Sabemos que a clínica psicanalítica da atualidade tem exigido criatividade, adaptabilidade e coragem por parte dos psicanalistas, tanto no enfrentamento das ditas novas patologias, nas quais se observa o descarte da identidade sexual, subjetiva e moral e das limitações corporais, quanto na abordagem das mudanças sociais aceleradas que nos abarcam. Sabemos igualmente que o exercício da profissão requer uma técnica capaz de ser sustentada por um corpo teórico. Assim, questões técnicas vêm sendo apresentadas e revisadas repetidamente ao longo do tempo, sempre respondendo aos preceitos teóricos existentes em sua época. Atualmente, com frequência é referido que o diálogo entre paciente e analista deveria se aproximar de uma *conversa comum no setting possível*. Algo um tanto desconcertante quando se consideram os limites intrínsecos de uma prática, mas que certamente seria aceito, se considerado como um diálogo que se afaste do *suposto saber*, dos dogmas pela associação fixa às *escolas*, e que faça jus à evolução do pensamento psicanalítico como continente da *multicausalidade* do fenômeno psíquico. Uma prática que não perca o essencial do legado teórico de Freud e de todos os demais autores que seguem lhe dando suporte e desenvolvendo teoricamente. Enfim, uma prática que considere a essência e o contexto das experiências prévias, pois sabe-se que Freud era muito menos ortodoxo em sua prática do que preconizava e era mais otimista em relação aos resultados com seus pacientes, que os conhecimentos atuais poderiam avaliar. Por outro lado, Ferenczi, criticando e reagindo à dita *ortodoxia* de Freud, buscava uma linguagem viva, espontânea e consonante ao nível regressivo do paciente. Fertilizou a escuta para processos mais primitivos, que não podiam ainda ser acolhidos, mas seus experimentos rumavam ao excesso. Nesse espaço, Klein insere elementos de rigidez

Renato Moraes Lucas

interpretativa no conteúdo e forma. Bion e Winnicott reintroduzem uma elevada sensibilidade na captação do mais primitivo. Autores posteriores têm oferecido desenvolvimentos que orientam o analista para a escuta de aspectos alheios ao discurso, constituindo uma aparente oscilação entre saturação e insaturação do campo por teorias e seus preceitos técnicos, mas necessária quando se busca integrar experiências e ampliar a capacidade de escuta do *desconhecido*. Contudo, tal processo acrescenta um árduo trabalho à mente do analista ao manter presente, e em suspensão, todo esse conjunto de conhecimentos relacionados à complexidade do pensamento, enquanto ele “dialoga” com seu paciente. As teorias precisariam dialogar na mente do psicanalista, mantendo-se este conhecedor do fato de que, muitas vezes, elas falam de níveis diversos de estruturação do psiquismo. Temos uma teoria e uma técnica consolidada para o atendimento de neuróticos: uma crescente minoria clínica. Por outro lado, está em desenvolvimento uma técnica para atender essas outras estruturas que não falam pelo discurso e que o tradicional processo ocorrido entre *livre associação/atenção flutuante/interpretação* não é capaz de abarcar. Assim, encontra-se em estruturação os aspectos teóricos e técnicos para a clínica atual, mas que pressionam os psicanalistas frente a recomendação de usar seus corpos e seus extratos psíquicos mais profundos para *escutar*. Dentre tantos autores, a concepção de *Situação Analisante* de Donnet<sup>1</sup> parece dar suporte às exigências clínicas atuais. O autor refere que ela resulta do *encontro aleatório e suficientemente adequado entre o paciente e o lugar* [*setting* acrescido da função do analista] e a *utilização subjetivada dos recursos do mesmo e de sua configuração singular para o analisando*. Parece existir aqui, além do uso subjetivo do lugar, sem desconsiderar a sua objetividade, especialmente o uso da capacidade do analista de transitar na matéria psíquica em si e no paciente, com o objetivo constante de criar uma *particularização* no atendimento daquele paciente, naquele momento. Muito precisa ser ainda experimentado e estudado, mas talvez a criatividade, a profunda ética e consideração à alteridade, a tolerância ao desconhecido e a persistência sejam as características essenciais da técnica do *ser psicanalista* contemporâneo. Elas dariam suporte a uma ampliação de limites da técnica, construindo experiências que, ao serem comunicadas, acolhidas e discutidas no *corpus* psicanalítico, poderiam ser integradas de forma não ideológica.

Dentro das quatro maiores áreas de aplicação da psicanálise definidas pela IPA, talvez o *método de tratamento de problemas psíquicos* constitua-se na meta mais assintótica, por ser continuamente desafiada, pelas múltiplas e mutantes expressões do sofrimento humano, a reinventar-se como técnica capaz de captar

<sup>1</sup> Donnet, Jean-Luc. (2001). De la règle fondamentale à la situation analysante. *Revue Française de Psychanalyse*, 65(1), 243-257.

as várias dimensões do psíquico e suas formas específicas de comunicabilidade, para que só então se possa intervir.

É a partir desses questionamentos que o presente número foi construído. Não nos obrigamos a respondê-los, mas manter a inquietação que eles nos trazem. Para tanto, iniciamos com a reflexão de Stefano Bolognini com o artigo *Novas formas de psicopatologia em um mundo em mudança: um desafio para a psicanálise no século XXI*, onde são descritos fenômenos psicopatológicos em mudança na clínica, os fatores que reforçam novas resistências suscitadas pelos processos da contemporaneidade e o efeito disto no trabalho dos analistas. Em continuidade, publicamos estudos que demonstram o esforço para alcançar registros primitivos e que pensam nos consequentes aspectos técnicos deste processo. Mariângela Mendes de Almeida, em *Metáforas somatopsíquicas: o infantil em suas re(a) apresentações como constituinte do desenvolvimento emocional*, propõe a noção de *metaforização somatopsíquica* como o processo através do qual os *registros somáticos e as lembranças instaladas no corpo* podem conseguir integração psíquica. Gislaíne Martins Ricardo Passarini e Mariângela Mendes de Almeida, no artigo *Reincidências traumáticas e elasticidade da técnica psicanalítica no trabalho com crianças e pais*, abordam a *reincidência dos aspectos traumáticos infantis a partir das gerações distintas* e a sua qualidade de *cicatrizes traumáticas* reverberando a nível intrapsíquico e intersubjetivo. Paulo Berél Sukiennik, no artigo *A falha básica: alguns aspectos sobre a teoria da técnica em Michael Balint*, discute aspectos técnicos para a abordagem de *pacientes que apresentam quadros regressivos*, permitindo a *vivência do novo começo*. Dentro da clínica atual, em que predominam a *dinâmica do vazio da presença-ausência e da morte psíquica*, Níkolás Ruschel Petry considera o fenômeno do *filicídio* presente em um processo de alienação ou mesmo atuado, seus aspectos transferenciais e a *atitude analítica de construção da diacronia histórica do paciente*. Finalizando este conjunto, Diva Aparecida Cilurzo Neto, em *O menino do asteroide: uma criança em busca de amor, proteção e integração psíquica*, permite-nos acompanhar a clínica na qual a *vulnerabilidade psíquica pela ausência de relações objetais arcaicas continentais e protetoras estão presentes*, assim como as suas transformações técnicas.

Considerando a importância e a atualidade do impacto sobre o *setting* com a passagem dos atendimentos para a modalidade *on-line*, motivados pela atual pandemia, em seguida são apresentados uma série de estudos que buscam captar as vivências da dupla analítica e as vicissitudes do processo psicanalítico. Jacó Zaslavsky apresenta uma reflexão preliminar, tentando contextualizar as mudanças no *setting* e as implicações transferenciais e as contratransferências como um *campo ainda a ser mapeado*. Cassio de Borba Lucas e Luciane Falcão trazem uma

Renato Moraes Lucas

instigante reflexão em *As materialidades da comunicação e os desafios midiáticos da psicanálise em quarentena*, abordando a relação entre a psicanálise e a *teoria das materialidades da comunicação* que *desnaturalizam a relação entre homem e técnica* no trabalho. Denise do Prado Bystronski, em *O corpo do campo*, dedica-se ao estudo dos *diferentes registros de experiências relativas ao tempo, espaço, forma e percepção* produzidas no *ambiente real da sala de atendimento*, bem como a *dinâmica de reacomodação* dos elementos do/no campo no atendimento *on-line*. Anette Blaya Luz, em *A pandemia: relato pessoal após um ano de atendimento on-line*, apresenta-nos um sensível relato de sua experiência pela súbita imposição das modificações do *setting*, assim como o seu processo de luta para a manutenção da função psicanalítica. Eneida Iankilevich, por sua vez, no artigo *E então sai do consultório...*, a partir de vinhetas clínicas, reflete sobre o processo analítico, considerando a *escuta a invariante mais reconhecível* e que o *método analítico pode acontecer independentemente da realidade factual*. Em seguimento, Livia Fração Sanchez, no artigo *Experiências de analistas didatas com o atendimento psicanalítico on-line em tempos de pandemia*, busca identificar as *experiências e percepções* de analistas didatas em sua prática clínica do processo de atendimento virtual, assim como *possíveis indicações e contraindicações* à análise. Discutindo o referido artigo, a convite, Marina Kon Bilenky, em *Análise virtual e o trauma compartilhado*, posiciona-se sobre a necessidade de maiores estudos sobre alcances e limites do formato de atendimento *on-line* para assim diferenciar esta modalidade das consequências específicas das análises ocorridas em um ambiente do atual trauma compartilhado entre analistas e analisandos. Na *clínica pais-bebês*, palco de vivências primitivas e de uma especificidade na intervenção analítica, Marisa Amorim Sampaio e Maria do Carmo Camarotti, em *Clínica psicanalítica pais e bebês on-line: repercussões na técnica*, apresentam uma reflexão sobre os aspectos técnicos do atendimento *on-line*. Esta reflexão é estendida à psicanálise infantil no artigo de Nara Amália Caron, *Mas, o que fazer com as crianças? Antigos e novos desafios e aprendizados na pandemia da Covid-19*, destacando suas inquietações para o estabelecimento do processo analítico frente à nova proposição técnica de atendimento *on-line*.

Concluindo o presente número, na seção Temas Diversos, publicamos o trabalho *Criatividade da clínica psicanalítica com estados primitivos: contribuições do PRISMA para a exploração das mudanças psíquicas na infância e na adolescência*, de Fátima Maria Vieira Batistelli, Alicia Beatriz Dorado de Lisondo, Maria Cecília Pereira da Silva, Maria Lúcia Gomes de Amorim, Mariângela Mendes de Almeida, Maria Thereza de Barros França, Marisa Helena Leite Monteiro e Regina Elisabeth Lordello Coimbra e que recebeu o prêmio *Zaira*

de Bittencourt Martins no *Simpósio do Departamento de infância e adolescência da SPPA (2021)*. Neste artigo, o *Protocolo de Investigação Psicanalítica de Sinais de Mudanças no Autismo (PRISMA)* é reapresentado e um caso clínico é descrito, na busca de demonstrar a eficácia do tratamento psicanalítico para promover mudanças psíquicas e fomentar a criatividade.

Novamente na expectativa de que a nossa tarefa tenha sido bem sucedida, desejamos uma produtiva leitura.

**Renato Moraes Lucas**

Editor Chefe da *Revista de Psicanálise da SPPA*